

Estava mesmo para resmungar.

E, meio a dormir, tinha planeado uma crónica assim:

*Primeira Parte.* Falar de um livro lido há pouco (11 da noite - 3 da manhã). Elogiar a inteligência. A liberdade do tom. A insistência, a combatividade. A linguagem incisiva - tão rara no português que para aí anda à espera de ser encadernado Falar da curiosidade, da atenção ao real, do cuidado prestado aos grandes como aos pequenos acontecimentos, desse insistente gosto, de que gosto, pela polémica, pelo pensamento, pela ironia.

Um Livro que é um bloco-notas, que talvez seja um diário, que também é uma revisão de pequenos artigos, e também uma autobiografia, e também é uma ficção. Um livro em que o pensamento vive e se vai fazendo numa despreocupada (mas inquieta!) conversa connosco. Comigo.

O que eu gostei desse livro.

Que livro?

*O Dito e o Feito.* De João Martins Pereira (edições Salamandra).

E esta primeira parte desta crónica acabaria assim: *mas é um livro.*

*Segunda parte.* Começava por uma pequena perspectiva histórica. Fim dos anos 50. A liberdade de tom descoberta a partir da *revolução Rossellini* faz pensar aos jovens dos *Cahiers du Cinéma* que o cinema se pode libertar dos espartilhos da ficção oitocentista para que o sonoro o arrastara. Admiradores da grande literatura francesa que desde Montaigne inventa o *ensaio* como forma persuasiva de se fazer uma realidade, os jovens de então pensam que o cinema pode vir ao correr da pena e descobrir-se a si próprio um novo e diversificado acordo com a realidade. O embaratecimento dos custos de produção que caracterizou a *nouvelle vague*, o aperfeiçoamento de maneiras de filmar mais leves (como foi bela a descoberta entusiástica do 16 mm e o que eu gosto do grão nessas imagens de então que culminam para mim nesse filme belo como poucos que é a *Wanda* de Barbara Loden), permitiam pensar nesses últimos anos antes da televisão que o cinema poderia ter a forma surpreendente dos livros: de umas vezes ficção, outras poesia, outras ensaio... A câmara, ligeira, passaria a ser tão leve, tão barata e tão ao alcance da mão como uma esferográfica - Kodak rimaria com Bic.

*O Dito e o Feito*, podia ser um filme. Devia ser um filme.

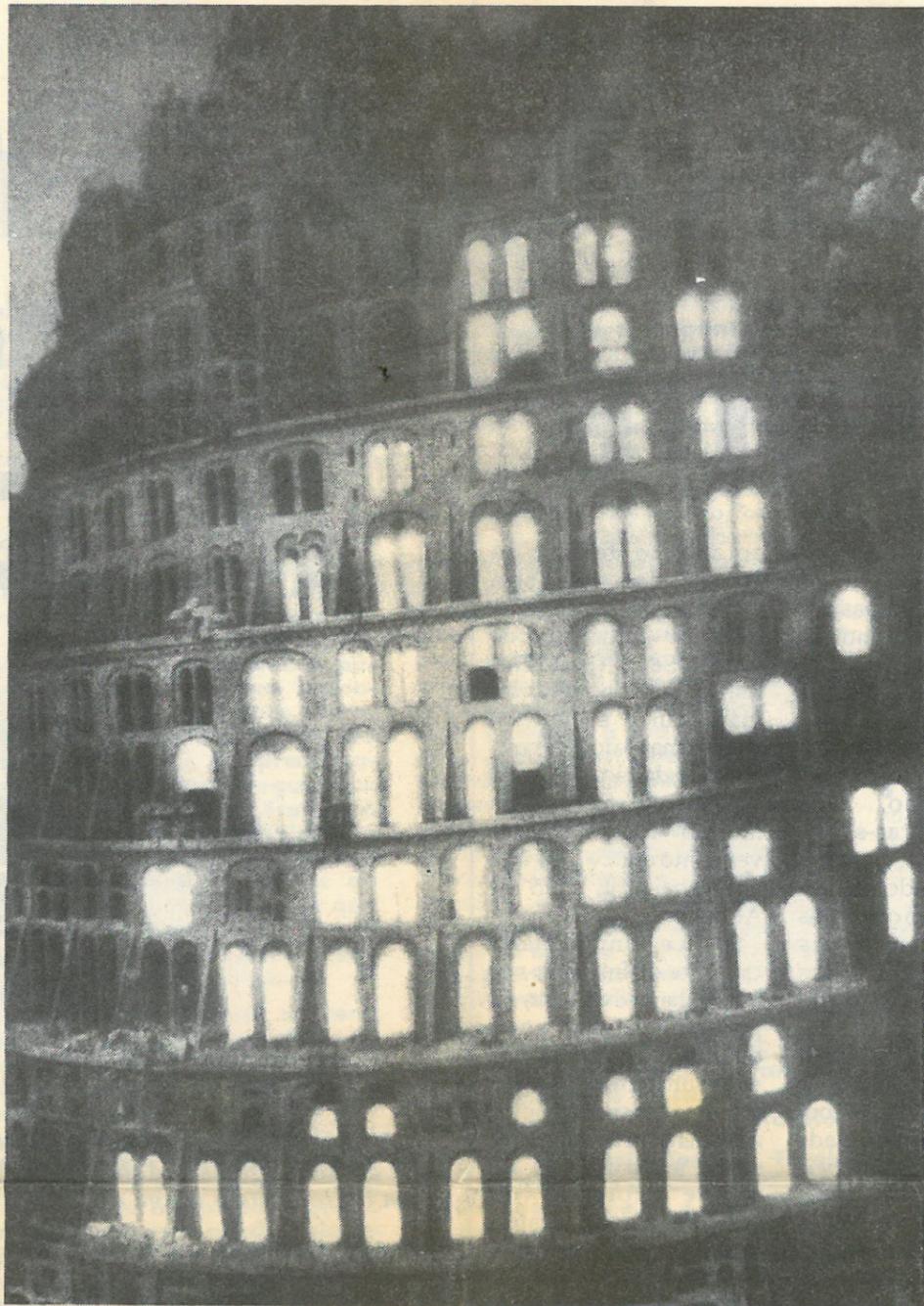
Isso era o que se pensava.

E por isso tínhamos Jean Rouch por um lado, Peter Watkins por outro, Leo Hurwite (que bonito *Dialogue with Woman Departed!*), Wiseman ou Richard Dindo...

Disso tudo, ficou Godard.

(Je te salue, vieil océan!)

*Terceira Parte.* Aqui, punha-me mesmo a resmungar. A pouco e pouco o cinema voltou a entalar-se nos apertados sapatos da ficção. Truffaut fez-nos voltar a Carné. E os filmes que por aí se vêm têm, como o desejava Aristóteles, um princípio, um meio e um fim. E a *mimesis* voltou a ganhar o cinema. O Actor's Studio e o seu naturalismo histórico (adoro a tão maldosa como pertinente frase de Luc Moullet: esse *stakhanovismo da significação*) prolonga-se em suor e bilhetes vendidos. A



## COM CINCO PEDRAS NA MÃO

necessidade que temos de compreender o mundo e o nosso dia-a-dia levou-nos a pouco e pouco a preferir o reconforto da imitação à inquietação da invenção.

E das salas de cinema foram a pouco e pouco sendo evacuadas as formas mais livres de deixar a câmara pensar o atrito do real.

*Belarmino*, essa obra-prima de liberdade e viril amor, estreou nas salas de cinema. No Aviz da Sara Montiel agora emparedado como outrora Berlim. Mas os filmes (chamemos-lhe *ensaiísticos*, podíamos chamar-lhes *poéticos*) que recentemente a si próprios se outorgaram o direito de pensar a sua própria forma, quem os vê?

Que é feito desse filme fundamental que é *Gestos e Fragmentos* de Alberto Seixas Santos?

E de *Rosa de Areia* de António Reis e Margarida Cordeiro? (tanta pena de não ter visto! Como eles não podem comigo, não fui convidado para a antestreia, e só sei de ouvir dizer).

E de *A Ilha de Moraes*, esse comovente *ecce homo* de Paulo Rocha?

E aqui interpelava o leitor, agarrando-lhe pelo imaginário colarinho: porque é que não os vê? Porque é que preferes *aquilo que sabes àquilo que não sabes* (aquilo que

compreendes àquilo que não compreendes?).

Não gostas de te aventurar por terras não conhecidas?

E por meios de transportes não conhecidos?

E de andar à bolina? Que não é o mesmo que à deriva?

E, de dedo acusador, olhos nos olhos: que foi que se passou contigo? Na vida também andas assim? Casa-emprego-casa ou férias-trabalho-férias? Não olhas para o lado? Não saís do caminho previsto? Todos os teus dias têm princípio, meio e fim?

E acabava estas imprecações todas com ditirâmbica apóstrofe: o cinema será livre ou não será!

Quer queiras quer não.

E o problema é teu.

Era essa a crónica que eu andava por magiar ontem.

Mas deu-me a preguiça, saí cedo de casa.

Pequeno-almoço no *Soleil* com o admirável Pedro Hestnes, metro, banco, livrarias (dei por mim, quem mo havia de dizer há três meses!, a folhear manuais do MS-DOS!!!), os grandes armazéns em saldos (porque é que em todo o lado os candeeiros são bonitos mas em Lisboa não???) e upa, sessão das duas na querida

sala do St. André des Arts. *Palombella Rossa* de Nanni Moretti. Que dizer? Detesto tudo. Detesto a maneira pedestre de filmar, detesto o lado metafórico da piscina de water-polo, detesto o narcisismo ululante da personagem, detesto a encenação pata aqui pata acolá. Mas provavelmente por isso mesmo, gosto de tudo. Da maneira inocente de filmar como se a câmara fosse apenas uma maneira de gravar o visível. Gosto da imprevisibilidade da intriga que a todo momento parte em direcções diversas, gosto da pobreza da mise-en-scène que ao contrário do horrendo e riquíssimo Scorsese das salas de bilhar de *Colour of Money*, não tenta divertir mas segue a linha mais curta. E invejo a estupenda liberdade de tom que é permitida pela utilização (eu sei, teatral, sub-felliniana) da piscina, etc.

Saio do cinema e não me apetece já resmungar.

É possível pensar no cinema.

Mesmo que não seja pensar o mesmo que eu (ainda bem!). Nem pensar da mesma maneira. Mas defrontar o real e pensá-lo na liberdade das formas que a maravilhosa expressão *ao correr da pena* designa. Não era isso o que Stendhal queria para o romance que também ele inventava? («O Romance? Um espelho que alguém leva ao longo de uma estrada»).

O dia está bonito. Um cigarro. Outro filme?

*Sweetie* da jovem australiana Jane Campion. Detesto tudo: a maneira afirmativa de filmar, esse tique que consiste em enquadrar deixando um espaço artístico à esquerda e por cima, essa forma voluntária de dizer *que tudo aquilo que ali está é arte e da fina*. E no entanto... a emoção nasce, o sub-faulknerianismo do ambiente, a extraordinária actriz que interpreta Sweetie, a sujidade. Detesto a precaução fotográfica com que Jane Campion se preserva do sujo de que fala. Mas gosto que o sujo acabe por vencer. E que o real irrompa.

E pimba, outro filme: *Pequena História de Amor* de Kieslowski.

Ah, belo, belo filme! Desse não falo.

Comoveu-me.

E o melhor é não jantar, apanhar o RER e ir a Nanterre.

Ver o *Édipo-rei*. Sófocles. Jean-Pierre Vincent.

Ah! os gregos!

E quando volto para casa, tarde, estou contente.

Já não vou resmungar.

O cinema existe. O cinema pode pensar. Melhor, pior, o que se queira. Não será o lugar do debate democrático como o teatro o foi para os gregos. Mas ainda há grandes cineastas a descobrir (Kieslowski!) e esta semana estreia o livre filme do livre *Iosseliani Et la Lumière Fut*.

E em vez de te agarrar pelos colarinhos, hipócrita leitor, *mon semblable, mon frère*, dou-te hoje um paternal conselho.

Começa por ler *O Dito e o Feito* de João Martins Pereira (edições Salamandra). E pensa.

Olha em teu redor.

Como o cinema que vês podia ser diferente.

Se tu quisesses.